

RHOKH RO SAKOT

(POEMA)



GUA

TYPOGRAPHIA

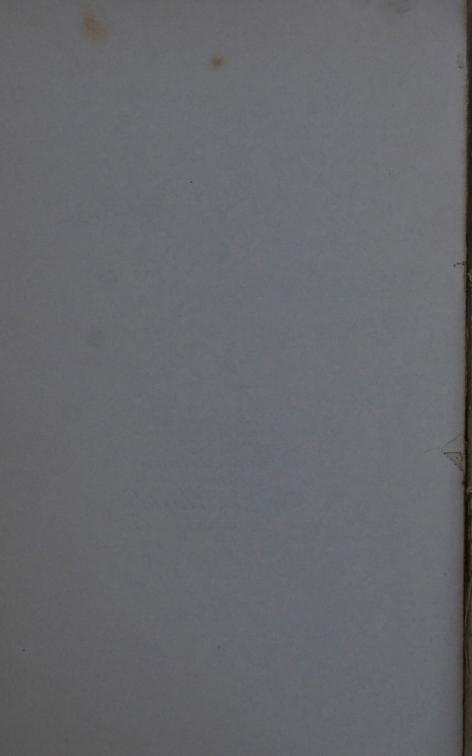
"GNSN LUSOSERNMEEZN"

1907



H' trindade dos meus amores:

Minha Mãe Meu Irmão Meu Marido



JUSTIFICAÇÃO

Como para os povos antigos passaram as idades da sua florescencia que só os hierogliphos ultrapassaram, creando-lhes uma nova existencia memoravel na historia e onde os sabios aprenderam e invocaram todo o desdobrar da existencia dos tempos primitivos;— desde o homem selvagem que se vestiu de pelles e lascou a pedra para se defender das féras, em commum com elle, habitadoras da floresta; pelas idades em que lavrou a terra e se associou pa-

ra a construcção da primeira cidadella; até que, pelo interesse, se armou e fez a guerra de conquista;
de étape em étape, aperfeiçoando os impulsos do
instincto até acordar n'elle a razão reveladora do
espirito,— essa dualidade sublime do ser humano—
que o approximou dos deuses e que, como um deus, o
fez tambem creador d'uma existencia elevada á arte e á belleza, na culminancia da escola grega:— assim como para os povos, para os individuos passam
as idades e os sentimentos, sempre renovados e inrepetiveis.

Mas, contando-se por millenios as vidas dos povos e sendo limitadissima a existencia do homem. é todavia tão intensa e prehenchida de ideias e de sensações, tão complexa e tão viva, que n'ella abrangemos toda a herança das vidas passadas, com seus prestigios e suas ruinas— illusões e desmaios,—toda a fulgurante synthese da vida actual, cheia de
paradoxos e philosophias; e ainda, pela intuitiva visão psychologica, seguimos o desdobrar da estrada
branca do futuro, n'um fatidico estonteamento, até a
obsessão da nossa alma nos criar n'ella a miragem
doce ou malefica que, a exemplo dos viajantes do
deserto, nos prostra ou arrebata;— assim ella se nos
mostra radiosa de harmonia ou ensombrada de imprevistas hecatombes.

Cada hora vivida pela alma d'este seculo, comporta mais emoção e mais intensidade de desejos do que seria preciso á antiguidade para encher um seculo: sentimos que a vida como a fortuna tem azas, e todos tememos que ella nos não chegue para morrer a tempo ... E vivemos descontentes comnosco, por cada hora menos intensamente vivida, ou sem que uma commoção nova a marque a fogo na nossa memoria ou no nosso sangue.

E' um relogio doido o nosso coração, marcando horas por cada segundo decorrido, anhelando sem repouso o imprevisto, até que um desfallecimento o entedio como contra con contra con

entedie ou a morte o conduza à paz.

Como na natureza o estacionamento seria a morte dos seres, assim o nosso espirito é sequioso de renovação; e n'ella se afervora e para ella condensa toda a sua força creadora. E' que para nos darmos por felizes e consolados no cumprimento da missão humana que nos toque, preciso é derivar todo o esforço productor da nossa imaginação e da bondade innata, para crearmos em nós ou nas acções que re-

presentem a nossa natureza, a linha de harmonia em que discorra sem torturas a alegria sã da nossa alma.

Achada esta linha de harmonia que é o equilibrio da ração e do dever, limitando o egoismo e abrindo á bondade as nossas almas, todos nós seriamos poetas e, consolados de viver, dariamos ração á natureza, nas desigualdades que lhe estigmatisamos com um pessimismo impotente.

A vida é sempre bella, atravez de todas as regiões e de todas as vicissitudes, quando exercida e vivida em coração e sentimento: até nas lagrimas ha doçura, quando as não espreme o odio ou vaidade...

Os versos d'este livro que a natureza opulenta da

India me inspirou, não teem presumpções d'arte, não aspiram a gloria alguma immerecida nem a applausos da critica.

As almas teem como os monges antigos, e sem que a isso as subjuguem regras ou vontades, a sua idade de mysticismo contemplativo que os poetas, pela sua imaginação especial, ultrapassam alem das previsões vulgares.

Eu não subi os pincaros da imaginação para escrever este livro Passo a crise d'esse mysticismo d'alma e quiz traduzil-o na palavra sentida.

Quiz vincar como uma lembrança inapagavel para a minha vida esta pagina que lhe folheei na India:— as horas esplendorosas dos seus poentes vfogados nas lonjuras dos palmares e das collinas sempre verdes, as suas radiosas noites de encanto indizivel; este todo d'uma calma tristeza subjugante que embriaga e extasia, como o antigo sôma dos seus deuses.

Não investiguei, não estudei:—senti. E como n'esse sentir me affeiçoei á natureza indiana, tão cheia de mysterios e de claridades, destinei que os versos que ella me inspiràra seriam o meu primeiro livro.

A India que foi o sonho grandioso de portuguezes gigantes e á nossa Patria occasionou tantas glorias, deu me tambem estes versos que lhe pertencem em sentimento e que por affeição me unem a ella.

Assim justifico este livro despretencioso:--- E' um tributo amoroso a este chão paradisiaco da India, como uma onda mais que de largos mares vem bei-

jar as suas praias e se apaga breve nas revoltas aguas...

Quepém, 9-IX-1907.

Florencia de Moraes.

I

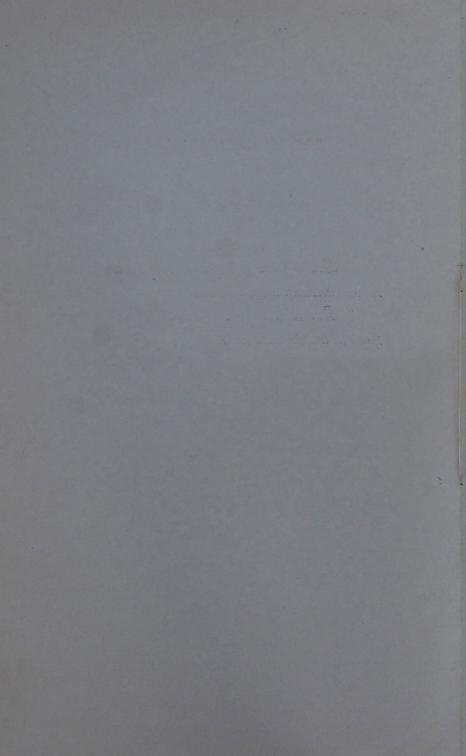
Pozes da Fridia



" Que o fío se não quebre emquanto eu vou tecendo o meu hymno".
" Que se não parta o molde do ar-

tista antes do soar da hora.

Rig-Veda



1

Nem collo de rainha ha que te eguale ainda, n'essa belleza infinda de deusa e de pagã adormecida. A linha do teu perfil divino, rege o sonoro hymno das aves da manhã.

Dormes como quem goza o somno em que se enleva, e a quem jámais a treva pôde tocar, sequer. Na nudez preguiçosa em que te enfloras toda, és a eterna boda da tentação, mulher!

Mulher dominadora, que assombra, que arrebata; mulher que beija e mata sem reparar, sequer: se algum coração chora, das lagrimas vertidas, que são vidas perdidas, vais perolas colhêr. Embebe-te d'aromas, de joias constellada, nas praias reclinada d'um mar tão seductor: descem das altas comas dos palmeiraes esguios, inexgotaveis rios d'um philtro embalador.

Esphinge, mas risonha, que aos teus adoradores fazes sonhar d'amores, sendo paga e augusta...

Quem teus designios sonha, lance no coração a inquebravel prisão d'uma affeição robusta.

Tuas pomas que encantam, terra de sonhos magos, têem da lua afagos e candidas ternuras... Sobre ellas se levantam esses templos,— irmãos de humanos sonhos vãos, de deuses—creaturas.

E sempre verdejante em teu sumptuoso manto, sabes gozar o encanto da tua edade antiga. Como esposa e amante, sobre o teu peito abraças as mais estranhas raças de que és irmã e amiga.

Nem mais fecundo seio, nem leito para amores, nem mais fragrantes flores, nem transparente ceu: luar de mago enleio que as paixões abonança, chão, verde d'esperança, que amor embrandeceu!

Sempre em perpetua hoda, berço de mil chimeras, de eternas primaveras que o sol inunda e beija: olha-se a terra toda, e o coração, suspenso, sonha o evolar do incenso n'uma festiva egreja. Anima-te inda o fogo d'essas longinquas eras d'esplendidas chimeras do Agni creador. Inda a ti e a teu rogo se prendem, dia a dia, a luz, que é a alegria, á alegria do amor.

Inda no ar suspenso ondula, inebriante, esse ideal distante do arya primitivo: e almo poder immenso da harmonia celeste inda este chão reveste do seu brilhar altivo.

As ramarias pendem seus fructos, seu thesoiro; e a luz, que é fluido oiro, esmalta os, embebida. Os corações ascendem, louvando o dôce exemplo que da arvor' faz um templo em que se adora a vida.

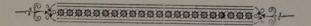
E' teu collear um sonho, desde esmaltadas praias aos altos Hymalaias, pelas collinas verdes: olhando o ceu risonho vê-se evolando o psalmo do teu estranho e calmo brilho, que nunca perdes. Filha de raças nobres, possues nas correntes das aguas transparentes dos teus sagrados rios, o manto com que encobres as tuas formas puras, que promettem doçuras de mel, correndo em fios...

Teu coração de fogo é o harmonioso hymno d'esse poder divino que a vida accende e anima. O amor acorda logo, quando o fogo se exalta; a uma chamma mais alta a hora se aproxima... Teu vulto soberano ante os olhos se eleva, mixto de fogo e treva, todo dominação; da antiga forma humana esculptural e forte, a quem por vida e morte vae nossa adoração.

Mui alto collocou-te a tua historia viva. Teu brilho nos captiva logo que te evocamos... Não tem poder a noute, nem horrida procella, para apagar a estrella que no ceu procuramos. Hade apagar-se a luz mal que se extinga o fogo; e esfria a cinza, logo que o vento a dispersou; mas a arte que seduz, a eterna creadora, resurge como a aurora, mal a noite passou.

Levanta-te!, que o sol beija-te agora a face. Um novo dia nasce; na aurora vem banhar-te: o mar, como um lençol, envolve-te, Amphitrite! Que um beijo seu te agite da soberana Arte.



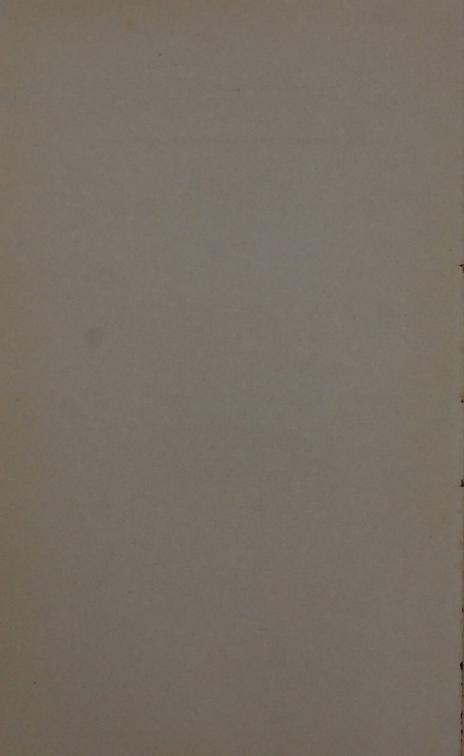


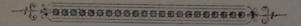
II

Ouvem-se os echos ainda, pelas comas das palmeiras, d'essa epopeia linda das caravellas primeiras que sobranceiras beijaram estas aguas; e ha soluços, e ha maguas, das saudades que deixaram. Alvejam os monumentos piedosos; padrões de fé e de alentos, e feitos aventurosos, d'esses que de longe vinham batalhando como leões, e juntando mais terras ás que já tinham.

A cruz por elmo e as quinas por tropheu, travam guerras peregrinas pela Patria e pelo Ceu. Juntas as almas em pranto, se lembravam, depois que os loiros ganhavam, da Patria que amavam tanto. Rezavam pois, e o seu braço valoroso, affeito á lança, no espaço erguia um padrão piedoso. Aos d'uma errada doutrina subjugando, com sua fé vão mostrando que só a sua é divina.

E ainda hoje se conta o seu valôr...
Os feitos que a Historia aponta guarda-os o povo melhor.
Ainda cá muitas vezes são lembrados, e muitas vezes chorados, os antigos portuguezes.



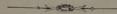


III

Sonho do Portugal aventureiro, foi enlaçar teu corpo esphingeal, ganhando assim a fama sem egual de com teu nome encher o mundo inteiro.

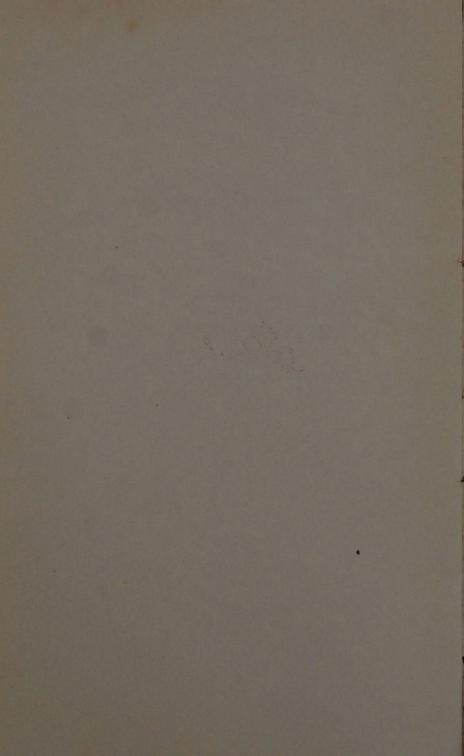
O tenebroso mar, dobra, altaneiro, subjuga as ondas, doma o temporal: rendendo-se a teus pés colhe, afinal, os seus laureis de nobre cavalleiro. Um seculo d'oiro de bem curtos annos teceu uma epopeia em claros soes ao Portugal guerreiro e coroado.

...Entrou na torre dos amores e enganos, onde, India cara, tu, noiva d'heroes, o conservarás sempre enamorado.



11

Fdeal



"Olhos que vos moveis tão docemente, Em mil divinos raios incendidos, Se de cá me levaes alma e sentidos, Que fôra se eu de vós não fôra ansente?"

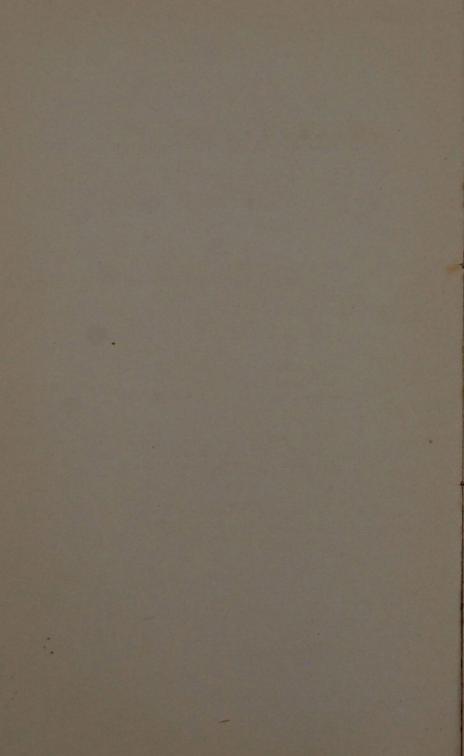
Camões.

« En Portugal los suenos son pasiones. »

Campoamor.

« Belleza, Amor, Verdade, heis a trindade.»

Guerra Junqueiro.





I

Quem teve um coração de vinte annos sem um ideal, sem uma crença altiva? Quem n'essa idade candida se esquiva a alimentar o amor e os seus enganos?

Se os olhos poisam nos vitraes profanos dos vicios, das paixões,—qual sensitiva, a alma, sangra como chaga viva, e mergulha do Sonho, em seus arcanos...

E' vendo o bem e o mal, o riso, a dôr, que ella se purifica p'ra o amor—perene fonte de paixões ideaes.

A debil alma que um olhar assusta, tem toda a força da esperança augusta de que levanta os sonhos immortaes! O sonho vivo d'um coração moço é muitas vezes um olhar furtivo, que o pensamento nos retem captivo, um ideal, um soberano esboço.

Viu-se uma vez, é como pedra em poço, guardou-se bem no fundo, sempre vivo; até que um dia ha um clarão festivo e o coração acorda em alvoroço.

Então é uma hostia sacrosanta que até aos ceus nos labios alevanta; —e mais quando a saudade o peito estreite...

No coração que a ausencia rasga em dôr, mais se depura o saudoso amor que é seu tormento e unico deleite.



H

Para a jornada de vida moço Poeta abalára. P'ra ser do amor possuida, a alma Deus lhe formara.

Em ceu d'estranho esplendor, longe do peito que amava, sentia a chamma do amor que a ausencia mais avivava.

Olhos presos nas estrellas e o coração preso ao mundo, sonhava que o brilho d'ellas era o seu olhar profundo... Se alguma nuvem passava empanando esse brilhar, louco sonhador, chorava, imaginando-A a chorar.

Dissipando-se essa bruma que as estrellas occultava, contava-as elle uma a uma a vêr se alguma faltava...

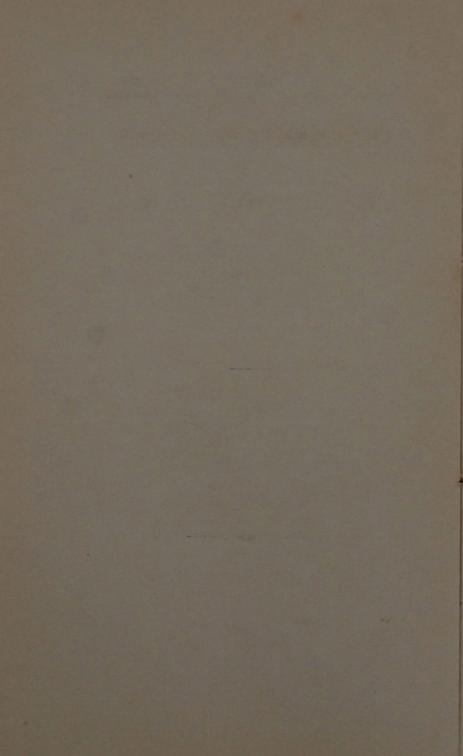
×

Dissipam-se á luz da aurora as maguas que a noite cria nos corações, onde mora a sombra, mesmo de dia...

A estrella d'alva é o porteiro do paraiso de Flora, aonde o sol—jardineiro, renova as flores cada hora, Quem toda a noite carpiu saudades da sua armada, vendo que a sombra fugiu, ha de alegral-o a alvorada.

Faces de noiva radiosa são os ceus a alvorescer, onde a rede caprichosa dos beijos se vae prender.

Cantam esperanças novas n'uma encantada garganta: —Coração! accorda e canta tuas amorosas trovas.





III

«—Quando eu era creança, minha illusão, meu brinquedo, era beijar muito a medo a tua doirada trança.

Hoje é toda a minha esperança poder dizer-te bem cedo o meu antigo segredo, o meu amor de creança.

A mesma trança doirada sonho ainda em adejos pelas costas espalhada;

e salteam-me desejos de t'a vêr hoje enlaçada pela rede dos meus beijos.



Ví a Sevilha encantada de luminosos pomares; vi andaluzos olhares em rostosinhos de fada.

Os olhos das odaliscas, vivos, negros, tentadores, lançando ardentes faiscas d'incendiarios amores.

Vi os lindos olhos d'aves, de volupia preguiçosa, cheios de promessas suaves da napolitana airosa.

Os olhos azues da Irlanda transparente como as aguas, aonde parece que anda uma rede a pescar maguas. Em requebros de serpentes sobre as collinas da Havana, vi os olhares indolentes da creoula americana.

Mas olhos com mais candura, mais luminosa paixão, jamais o meu coração os procurou ou procura.

Que os teus olhos dizem tudo o que eu desejo saber; lívros de Lei onde estudo justiça do bem—querer.

Olhos de pomba assustada, meu coração innocente, mais querida, mais lembrada, estando de ti ausente. Emquanto saudoso scismo, guardo em mim a fé estranha de que a alma vence o abysmo d'uma distancia tamanha...

E a fé que faz nascer azas, dá-me o consolo que anceio, de vêr palpitar teu seio pelo amor em que me abrazas.

Meu cofresinho de esperanças, o teu e o meu coração, são duas rolinhas mansas que eu tenho na minha mão.



IV

Vem ver este paiz; hade encantar-te o seu matiz tão vivo e estrellado: corôa-o sempre um edenico halo, n'uma serenidade a bemfadal-o...

E!le tem flores de sobra p'ra coroar-te e para cortejar nosso noivado.

Opulento tapete de verdura, docel de olentes ramas e de palmas, aqui mais doce e fervida ternura prende os amantes e confunde as almas.

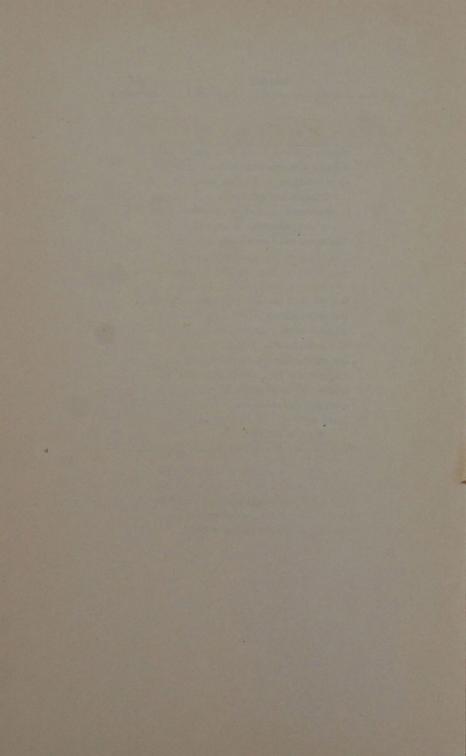
Has-de aqui encontrar as frescas fontes, os mesmos valles sombrios, os mesmos azulados horisontes e deleitosos rios do Minho encantador, nosso ninho infantil.

Aqui as aves lêdas, meu amor, teem perpetuo um luminoso abril. E tu que és uma ave na alma pura e coração d'arminho, podes tecer teu ninho e desferir a tua voz suave que me embalou na infancia... Transpõe esta distancia que a saudade augmenta, e vem trazer-me o ramo d'oliveira da paz e da ventura. Tu, mensageira pomba de candura, sonhada companheira d'um amoroso effluvio, n'um bater d'azas brancas afugenta esta tristeza va em que me afogo: alegrar-se-ha a minha Arca, logo, e cessarão as trevas do diluvio.

Meu tempo de creança, lembro agora, em que tu eras minha companheira nas correrias pelo jardim fóra, e transpunhamos, juntos, a barreira d'um canteiro qualquer, com a heroica impavidez guerreira do soldado que cumpre o seu dever. Que o digam as dhalias amarellas trucidadas por mim, e que depois tua mão desfolhava n'um chuveiro d'estrellas, sobre a areia calcada do jardim.

E esse meu sonho de infantil chimera, que a tua alma alegre partilhava, de uma noite partir pelo mar fóra para pescar a lua!?...

Tu irias ao leme da galera, e como um destemido marinheiro que revoltados mar's lê e explora, quando ella tombasse ao mar banzeiro conquistaria o lindo astro d'oiro para corôa tua, meu sonho de creanca e meu thesoiro!





O' meu paiz saudoso, onde ha poentes de sangue e de viuvez em cada outomno, em ti quero dormir o ultimo somno de amor e morte sôb a cruz dos crentes.

E tu, coração meu, tem bem presentes as horas de saudade e de abandono, como esse doente, occidental, outomno, passadas sob os indicos poentes.

A Morte e a Vida, esse mysterio enorme que junto ao seio do ignoto dorme, como o Ideal que dentro em nós habita,

vae d'um a outro polo, como os ventos, na rosa collossal dos pensamentos, dispersos pela abobada infinita. Com os meus pensamentos, dia dia, sobre o meu coração visionario, vou erigindo o ideal sacrario que ha de encerrar o pomo da alegria.

Se-me alcança o pungir da nostalgia e uma lagrima ajunto ao meu rosario, mais um diamante brilha no calvario onde eu conduzo a cruz da phantasia...

E subo-o lentamente... A abençoar o meu martyrio religioso e doce, eu vejo a tua mão,— um lirio aberto.

Desdobras sobre mim o teu olhar:
—tal se da terra a desprender-me fosse,
eu vejo então de mim o ceu mais perto. —»



VI

O' vozes de creanças amorosas, como minh'alma triste vos entende essa candura de virgineas rosas!

A rosea aurora em vosso labio prende todo o crystal das rumorosas fontes, para cantar o Amor que vos ascende.

Remontaes pelos amplos horisontes Atraz d'um sonho que vos mostra o ceu, crendo que o ceu azul pousa nos montes...

E'-vos sendal da vida o aureo veu das illusões cantantes, virginaes, que ao berço o amor primeiro vos prendeu... E os amores de menino são eguaes ao que na mocidade vos agita; pois que tanto do ceu o approximaes!

O' santa mocidade, sê bemdita na doce companhia da Illusão purissima, velada e infinita!

Tu, amoravel, terna seducção, que as mãos enlaças propiciadora e de rozas semeias todo o chão;

tu que és em cada coração a aurora, o riso, a flor e o fructo appetecido, a encarnação da vida redemptora; sonho dos sonhos, rejuvenescido;
—Phenix eterna, ri e brilha e canta, alevantando o mundo derruido!

Mystica, suave e limpida garganta que em cada inverno diz a primavera, que d'entre o gelo e a treva se levanta;

pela Verdade immaculada, austera, eleva a tua alma p'ra o Amor, —supremo sonho que a Belleza gera.

Pelo harmonioso esplendor que o mundo eleva em torno da Belleza, abre teu coração—bizarra flôr. Sem um sequer assomo de tristeza, tua vida depõe pela Verdade: Deus santificará tua pureza.

Pelo Amor, pelo Amor, ó mocidade! pelo Amor que te embala e te conduz, esparze como o sol, na immensidade,

o teu fluido, o teu sangue, a tua luz!





VII

Sob o influxo do ceu oriental,
ainda o antigo sonho imperial de
Albuquerque, renasce, amorosamente
no coração do poeta, que traz encarnada
na sua, a alma do Portugal aventureiro.

Eu chego da terra aonde largo mar poentes espalha; onde o sol—guerreiro, esconde os seus gladios de batalha.

Trago a alma commigo dos que um dia aqui chegaram e lançaram suas ancoras no mar. Trago o mesmo sonho antigo dentro da alma a cantar. Venho lendo nas estrellas os mesmos propicios fados que ao leme das caravellas leram os nossos cruzados.

Nas mesmas inquietas ondas novas esperanças achei, ou sonhei... Minha alma pairou no mar, e o coração, como as sondas, foi o fundo tactear.

> Imperio sonhado e ganho, por um momento, real; d'um brilho intenso e tamanho que allucinou Portugal.

Que é da perola colhida ousado mergulhador? —E' o amor; trago-o fechada na mão: sem ella, que vale a vida, perola do coração? Nas mãos, entregue ao destino, meu coração trago exposto, como o desvendado rosto do velho leão neptunino.

Andam rolando nas praias, como as areias, meus olhos. Os escolhos, não os temo n'estes mares; pois as ondas são cambraias de transparentes olhares.

Desde Ceylão até Diu, corrente d'oiro cingiu em sonhos, meu coração; e a mesma cadeia ardente pelas praias d'Oriente, desde Malaca a Ceylão.

Sonhei os languidos braços e os tão rythmicos passos, da pallida fada indiana; esguia e triste e serena, de bocca immovel, pequena, de semi-deusa profana. Sua voz, morna, velada, como um mysterio pagão... Vi-a em sonhos engolphada, pregando os olhos no chão.

Deslisando silenciosa como a cobra, e caprichosa em seus meneios, como ella; a negra trança lustrada, e simplesmente adornada de qualquer rosa singela.

> Seu perfil correcto e serio, em morbida côr que adoece, estampa todo o mysterio da vida que desconhece.

Olhos accesos em lume, boccas d'um acre perfume, como vos tenho sonhado, sois a ilha dos amores d'antigos navegadores, p'r'o meu desejo abrazado. Christás, mouras e gentias, de sonhos velada a fronte, ainda dos velhos dias vivem no estreito horisonte...

Dominado pela ideia d'esta encantada sereia, os dias passaram lentos; até que, do mar cansado, á terra em fim sou chegado dos calmos deslumbramentos.



Peço o encanto dos olhos, em ninho d'ambar e rosas, sem cuidados, sem abrolhos, entre essencias vaporosas.

Vós tendes tudo isto, e creio, ó terras da India antiga, que encontrarei vosso seio aberto em franqueza amiga Guardo os meus sonhos commigo, venho partilhar os teus; mas espero o vosso abrigo para os confundir nos meus.

Quero que o meu coração, levado no vosso olhar, vibre e sinta a commoção de quanto podeis amar.

Tao novo,— Senhor meu Deus! de Portugal chego aqui; e ao vêr a luz d'estes ceus sonho que d'ella nasci...

E' que a paixão que transporta a alma a um mundo distante, deu-me a India por amante, trazendo-me á sua porta. Eu bebo a vida sonora que em seus fluidos transparece; e é como se fosse a aurora que dentro de mim nascesse.

Quero mergulhar bem fundo no mysterio dos teus sonhos, guardando-os em mim, risonhos, sem os devassar o mundo.

Entorna dos labios teus na minha bocca a ambrosia; e serei egual a Deus se a tua luz me allumia.—»







VIII

Ouviste a vóz do Poeta? Como é doce vêr illusões floridas è sangrantes!...
E' com ellas que as boccas das amantes se fecham quando morrem...
N'ellas se enfaixam berços de creanças; d'ellas, não o sei bem, mas talvez fosse que para a morte Ophelia se corôa; e ao desfolhar as suas esperanças sobre as aguas que correm, nocturnas, lassas, como as suas tranças, de certo a morte ao seu amor perdôa...

×

Passam na noite as aves agoureiras, infiltrando nas sombras todo o horror; na mocidade passam, lisongeiras, as aves d'oiro da illusão, do amor.

D'essas aves, em póz, quantas jornadas as almas emprehendem dolorosas, para, ao fim, cahirem extenuadas, de distancias enormes, tormentosas!...

Como avesitas cantam e gorgeiam, e são divinos todos os seus cantos, até que para além se distanceiam na vertigem dos sonhos e dos prantos...





IX

Morrer é dor; querer, amor.

A dor de amor, a maior dor, é bem querer até morrer.

O bem e o mal dois termos são, em liga real no coração.

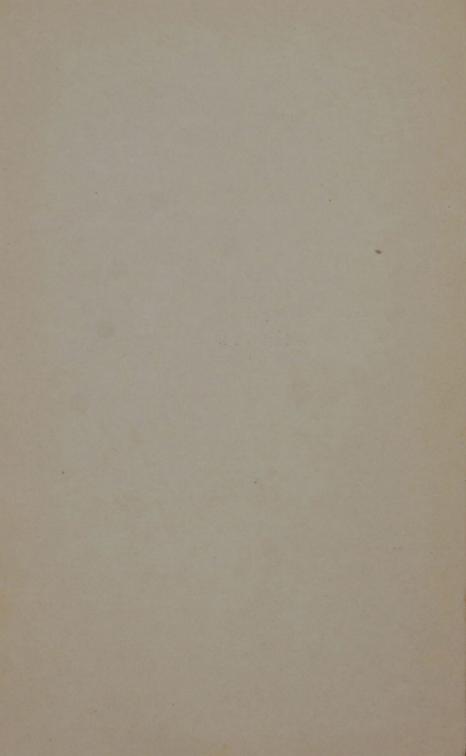
E, mal e bem, mostram tambem desunião n'uma paixão. A nossa sorte, p'ra ser cumprida, conduz a morte unida á vida.

Não ha mão forte que o laço corte que traz a vida á morte unida.

Em Deus noss'alma espera e crê, e a sêde acalma na sua fé.

Virente palma de cada alma humana, é somente a Fé.

III Amar

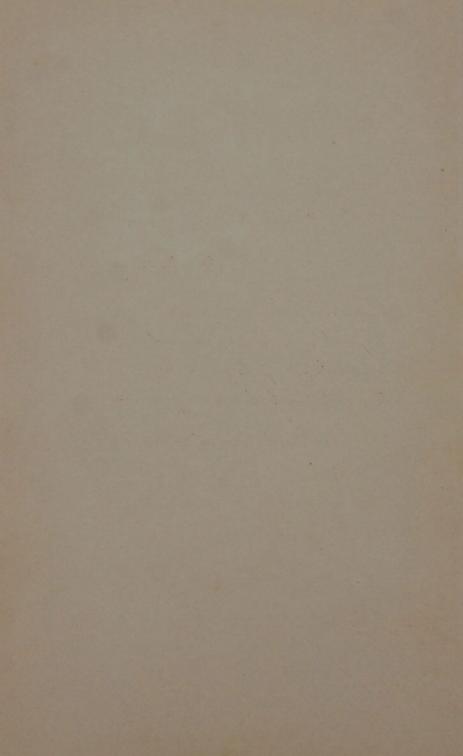


E' que a gente na sua mocidade Não cabe em si, não pára de contente.

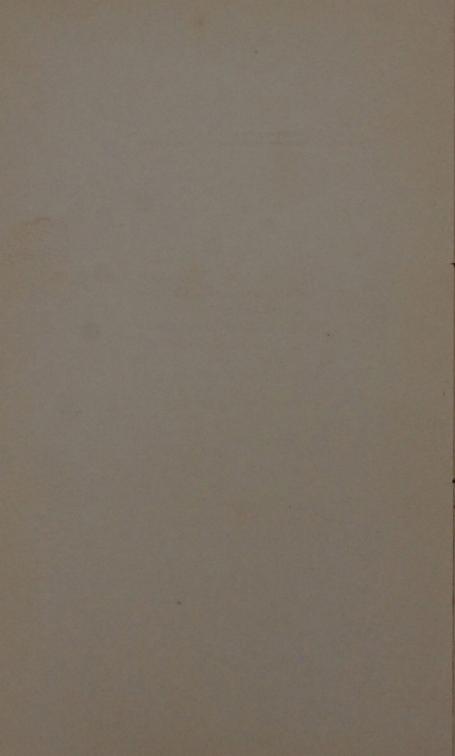
João de Deus

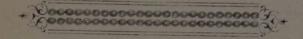
E' como um facho o nosso coração. E quando n'elle um puro amor ardou, Lóde voltar-se o facho para o chão Ou a ohamma ha de voltar-se para o céu.

Antonio Corrêa de Oliveira



Coração, varias tanto. é tal o teu variar, que fará de ti um santo quem te poder dominar.





I

O' noites da India, quando a lua cheia teus clarissimos ceus rasga e profunda, e a floresta immovel se prateia n'esse banho de luz que toda a inunda,

e pela terra arquejante e fecunda se desdobra a phantastica colmeia dos pyrilampos— nebulose jocunda, que ora se apaga ora se incendeia:—

não sei que vaga legião alada de espiritos e crenças primitivas, me domina e prostra, de encantada...

Pela mudez soberana me captivas, terra propicia a sonhos, recatada no intangivel veu das sensitivas. Por ceus sem lua, em noites de caligem, á terra prendo o meu olhar sem medo: oiço a alma sonora do arvoredo, e arrebata-me a escala da vertigem...

Vou pela treva a tactear a origem da vida das raizes, do segredo das feras habitantes; e arredo os vãos receios que minh'alma affligem.

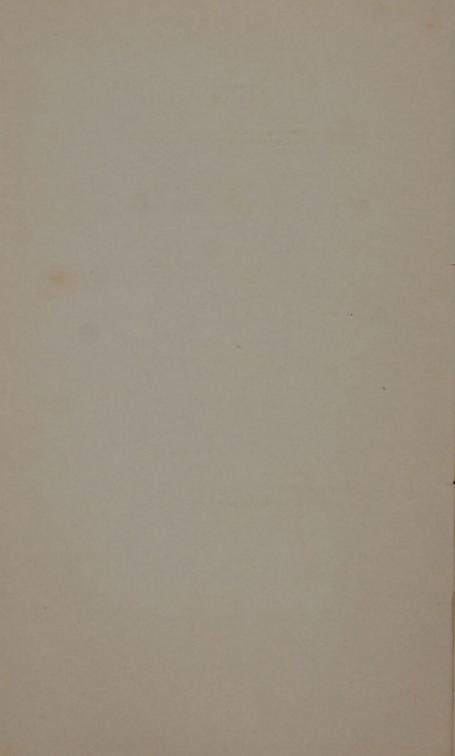
A tua sombra é como um livro aberto, onde os mysterios leio d'altos sonhos, que ao meu olhar inquieto assumem vulto.

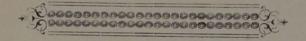
Surgindo vejo o passado sepulto... Heroes e deuses, ó India, eu suponho-os voltando agora ao seu solar deserto!... No luar, na sombra e no silencioso ermo das indianas noites celebradas, ha lucto p'ra todo o sonhar enfermo e seducção p'ra almas inspiradas.

Vaidade e orgulho men, podeis fazer-m'o anniquilar nas trevas condensadas; ou elevar men coração, sem termo, a chimeras febris, arrebatadas.

Filtros do teu luar embriagantes, são como os labios d'uma mulher moça Virgens promessas dando aos seus amantes.

E quando a treva nas tuas faces roça, amo-te, ó India, as sombras triumphantes, no suave mysterio que as adoça.





H

A India é fonte sempre viva e perturbante, como os beijos da primeira amante, mas sempre esquiva...

E' taça que embriaga, mas não deixa analysar-se bem... Beija-se ou quebra-se, e ella não se queixa; tem coração de mãe.

E, mãe e amante, è sempre nobre e triste; d'uma tristeza doce... Como ella, altiva e séria, ja alguem viste, e que tão meiga fosse ?!... A ternura dos teus braços, linda amante, vê-se escripta nos espaços, triumphante.

A luz da lua beija-te o collo de neve, que é tão leve como uma flor que fluctua;

e flor que ninguem se atreve,
—tendo a pureza da neve—,
a beijar, vendo-te nua.

Possues o condão estranho
de vencer sem combater;
e é tamanho
teu poder,
linda noiva radiante,
que o meu poeta, encantado,
namorado,
já corre apóz teus amores,

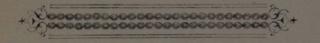
como vão atraz das flores namoradas borboletas. No seu fulvo olhar radiante ha a chamma dos sonhadores que sobe do coração :

e, elle, é o que são os poetas, sempre ingenuo e sempre amante de emoções subtis, ligeiras...

Que as dilectas companheiras de todo o poeta, são, —constantes e verdadeiras, a Chimera e a Illusão.

×

-Chimeras, altos desejos errantes pelos espaços, a quem atiramos beijos, e em vão erguemes os braços... —Illusões, enganos suaves, como brilho de diamantes, abalando como as aves para paizes distantes...



III

A cruz d'amor, é cruz toda deslumbramentos; a esponja amarga, é luz, espinhos—sentimentos.

Os cravos que nos pregam, alfinetes de beijos: e, p'ra prender-nos, chegam as cordas dos desejos...

Emquanto no regaço da fortuna jogados, se ata ou desata o laço da nossa sorte, aos dados. Quantas paixões assimque nascem n'um momento e a um calvario sem fimlevam o pensamento!

Ha em nosso redor martyrios nunca vistos: a religião do amor dos corações faz Christos...

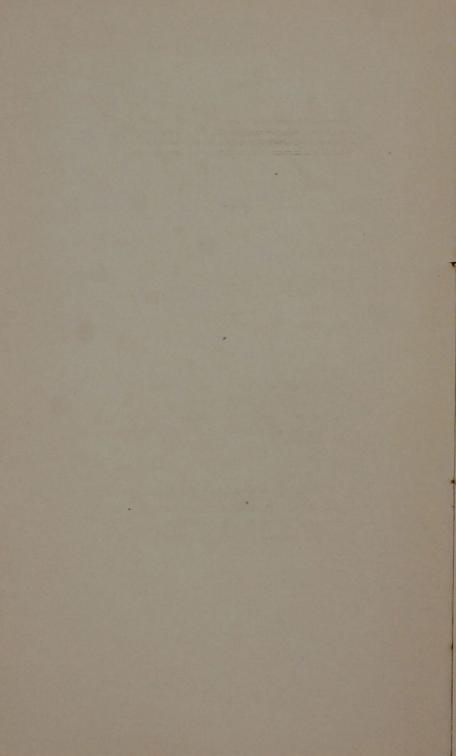
E quantos condemnados ás mais amargas penas, vertem perdões maguados das pupillas serenas.

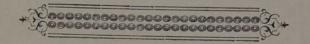
Na hora de expirar, de muitos o querer seria mais amar para ainda mais soffrer. Onde ideal tão santo ou religião querida, porque se soffra tanto na dilatada vida!?

Amar! e ter em troca o extremo padecer, sem que á nossa bocca chegue um beijo, sequer!

Amar! sem esperança de retribuido ser; sem a dor que nos cansa poder adormecer!

Sendo a vida— Amor, —nossa religião é sustentar a dor, viva, no coração.





IV

Cortejo nupcial, pela indecisa treva d'um poente, entre arvores avança: o Ganges, lá ao longe, rumorisa, como um vagido flebil de creança.

Luzes vagueam, recortando a sombra, n'um feerico halo astral e vago, emquanto a terra, sob a espessa alfombra, tranquilla dorme como um quieto lago.

Hora de paz. Em ampla suavidade prende-se o espelho da agua á luz do ceu, como a concepção da divindade ao coração dos homens se prendeu. A essencia, a alma do universo, a Luz, concentra-se na hora vesperal, n'essa penumbra que se não truduz, para auscultar o sobrenatural.

Hora dilecta ás almas dolorosas, hora escolhida para as orações; propicia hora p'ra desfolhar rosas e evocar tristissimas visões.

Hora em que de olhos vagos e alma vaga, é doce penetrar na sombra mesta que, avassalante, amorphanisa, apaga, a vida rumorosa da floresta.

Mas o cortejo, clangoroso, avança, n'uma explosão de sons e de esplendores. Joias lampejam no collear da dança, nas cabeças, nos collos tentadores. Approxima-se o bando, feerisado de lumes, em phantastico clarão: resoam, pelo espaço illuminado, as vozes, em gemida vibração.

Os fachos lançam azuladas chammas e scintillas de côres perturbantes, para o docel das negrejantes ramas.

Ouvem-se, em côro, vozes triumphantes:—

Junto do ideal amor, o amor vivo e livre eleva a sua voz dominadora:— canta, a bailadeira, o seu triumphante poder de mulher— amante sobre a sua condição de mulher— escrava dos deuses bramhanicos.

O', não te illudas, não! Se no meu seio podeste adormecer, eu sei o mal do teu coração, leio-o no teu olhar a arder.

No turbilhão de incensos e perfume que o sandalo derrama, junto ao meu seio, que é o vivo lume, queimei-te n'essa chamma.

O', não me mintas, não! Que eu bem entendo no teu candente olhar, e atravez do seio estou vendo teu coração arfar.

A rede colleante dos meus braços, na vertigem da dança, foram, em ceu sereno, os igneos traços a alterar a bonança.

O faiscar das joias do meu collo, as tranças de velludo, e os leves pannos que em meu corpo enrolo é que dominam tudo! Perante mim, que n'um ambiante assomo de luz, perfume e adorno, sem energia tu ficaste, como depois d'um banho morno...

O', não te illudas mais! E's meu escravo: eu sei quanto sou forte. Dirijo-te um olhar, com elle gravo vingança á minha sorte!

Entre as lendas d'amores em que vogo eu no meu seio guardo o mais subtil e destruidor fogo com que queimo e não ardo...

O', não te illudas mais! Se no meu seio vieste adormecer, teu coração venci-o, dominei-o, para me pertencer.—»



De novo segue o cortejo irradiante: como n'uma visão, celeste e alada, mulheres de olhar dôce e perturbante, cercam a noiva d'hoje festejada.

E ella pallida e tremula, tombava a face linda, persistente, ao chão. Já na paterna casa que deixava egualmente a abatera a commoção.

Flamula d'astros, a cabeça airosa, circundada de joias, resplendia na noite, e o rosto, como ardente rosa ou perola ambarada, apparecia...

Tinha a paixão carnal vulcanisada sob as faces morenas e macias, alimentando a chamma recatada d'umas mysteriosas nostalgias... Seu vulto, como o fumo que se evola, parece ondear e ir subindo, esguio, mas murmurante e claro como o rio que em dôce, fertil valle se desenrola.

Noiva tão nova e tão gentil, parece o teu cortejo um pedaço do ceu: até a lua-nova se escurece vendo que a tua face se accendeu.

Noiva dos anjos, tu podias sel-o, que és um anjo tambem no mundo a rastros: sob a negrura espessa do cabello vê-se em teus olhos o fulgor dos astros.

Vais para um lar estranho tão novinha e cheia de bondade, que te basta saber que te destinam, pobresinha, para noiva d'um homem da tua casta. Ao retirar da casa de teus paes no limiar, as mãos alevantaste, lembrando as doces preces matinaes á florinha sagrada que plantaste.

Era ao sol-posto, e os mogarins, abrindo, preenchiam d'aromas todo o ar, com labios de setim ao ceu pedindo fortuna para ti que os vaes deixar...

Por um momento hesitas:o passado, estreito e doce como estiva aurora debate-se em teu seio, tão maguado da triste despedida d'esta hora.

Ultimo pranto de menina e moça vertem hoje os teus olhos, dois espelhos; espera, escuta, e teu coração ouça, os maternaes, justos e sãos conselhos: « Filha, espera-te um lar que é já teu lar;
 o pranto enxuga que tua face abraza.
 A Trimurti ha de abençoar
 a tua entrada n'essa estranha casa.

Tua sogra e senhora lá te espera, com toda a esperança que no seu lar brilha, como se um novo ceu lhe alvorescera: « Locximi!» te chama, « minha filha!»

Dá-lhe a amisade da tua alma pura: toma tua parte nos trabalhos d'ella. Ser amada por todos só procura, humilde sendo docil e singela.

Para as mulheres de sua casa sejas companheira leal e ajudadora. O aceio guarda, nunca em ocio estejas. A infancia ama; sê-lhe educadora. Não te ires: sê calma. Pois é vão todo o queimar do espirito inconstante. A' paz recolhe-te, á meditação; tua alma seja como um diamante.

Tuas joias guarda ao fim das bodas; mais guarda, —como modelar esposa—• o amor de teu marido, entre todas as joias que possues, a mais preciosa.

Preza-o como alma que de ti fáz parte, e, conservando de teus paes a crença, crearás filhos que hão de abençoar-te... Os deuses te darão ventura immensa.

E lançando-lhe ao regaço um fructo novo—signal de fecundidade e de riqueza—se despede assim:

Vai: iá te esperam. Filha, diz-me adeus. Já não és minha, como o foste creança... Eu pedirei por ti: velar-te-ha Deus... Com a minha benção leva esta lembrança.





Atravez as planicies e as montanhas indicas, o coração portuguez canta e chora o fatalismo sentimental da sua raça aventureira e namorada, e o deslumbramento com que o ceu oriental lhe escaldou o sangue.

O' lua suave, explendorosa, errante, vestindo a terra de vellu-lo branco, dá coração ás notas que eu arranco da lyra virgem do meu peito enfermo.

—Visão celeste, como a lua, errante; pallida e triste como a dôr sem termo da noite deslumbrante!...

Arco-iris da paz que gotta a gotta
vejo diluir em matinal orvalho
por sobre o coração,
mal apagas a febre que me esgota
desde que te perdi...
Companheira da infancia e meu gasalho
em outro peito irmão,
Jamais terei santo repouso em ti...
Minha illusão azul-celeste, rota
a dôce apparição!



Na senda de delirios, caprichosa,
que arrebata aos ares
toda a existencia que o seu par procura
pela avenida elysia dos amores,
minha alma radiosa
de ha muito antevira a formosura
e a graça esplendorosa
das rescendentes flores,
dos timidos olhares,
da tua face espiritual e pura.

Virgem dos meus cantares, sonhei-te desde que homem comprehendi a prisão immortal que as almas une aos pares.

A fada de azas brancas que senti povoando a calma immensidão dos ares da idade infantil, era um esboço apenas do ideal, uma visão gentil, como nuvem d'incenso ante os altares ou ffor primeira antemostrando abril.

E desde então, o mundo estreito e vario corria pressuroso,
em busca d'este ceu, sonhado, amigo, que devia abrigar-te,
como se encerra a hostia no sacrario ante o culto piedoso.
E, como ao vêr o principe, o mendigo se humilha e beija o chão,
eu, que não possuia mais que dar-te, aos pés lancei-te orgulho e coração.

De longe, e por um prelibado gosto, te sigo os passos sem te vêr, procuro nas multidões teu rosto; e quando alcanço emfim o meu desejo já transpozeste o o gigantesco muro que de mim te separa; e ante o qual eu me revolto, arquejo, e de vil impotencia fico mudo.

Porque a tua casta, o teu estado, tudo, jamais o derrubára!

Torre maldita de infernaes assombros, vejo-a crescer, subir... Inutil coração! inuteis hombros! que a não fazeis cahir.



Se eu fosse o pescador de perolas, lançava meu corpo ao mar n'esta hora, p'ra vêr se junto com a mór perola, achava a morte redemptora.

Ou se fosse o fakir, assombro aos nossos olhos que o corpo queima a ferro, condemnaria a pisarem só abrolhos meus pés, n'este desterro. Mas se eu fosse a viuva hindú, a inerme pomba, da religião escrava, que, olhando o ceu,o corpo ungido á pyra tomba, á pyra me lançava.

> Se a perola colhesse, em teu diadema cerulo seria engastado algum dia...

Se penitente me volvesse e na tua ida ao templo me olhasses, talvez me abençoasses...

Se me atirasse ao fogo, minhas cinzas, pelo ar, juntar-se-iam logo ás cinzas do teu lar... O fogo! a chamma! a purificadora extincção nobre e certa, seria como uma esplendente aurora sobre o meu corpo aberta!

Accordariam pelos ramos aves n'uma canora festa, julgando dia, ao evolar dos suaves perfumes da floresta.

Podias contemplar meu funeral, de longe, olhando a chamma, e conceder-me a ventura final d'uma prece a Yama...

Amor! Amor! O' meu desvairamento!
Já sinto a labareda,
quebrando n'uma gloria o meu tormento
como um fio de seda.

Passavas noiva, cega e surda a tudo...
(Porque não ceguei eu ?)
Face abatida, trança de velludo...
O que a ti me prendeu ?...

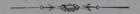
Almas aos pares! Almas aos pares!
Tanto a busquei...
Mas cheguei tarde dos longinquos mares,
perdida a achei.

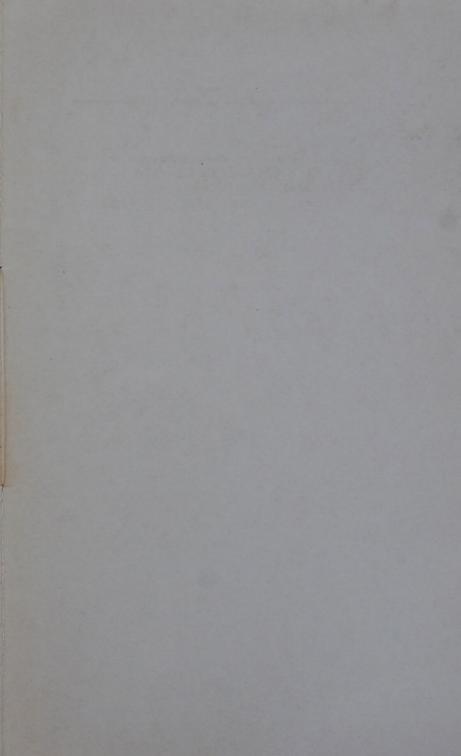


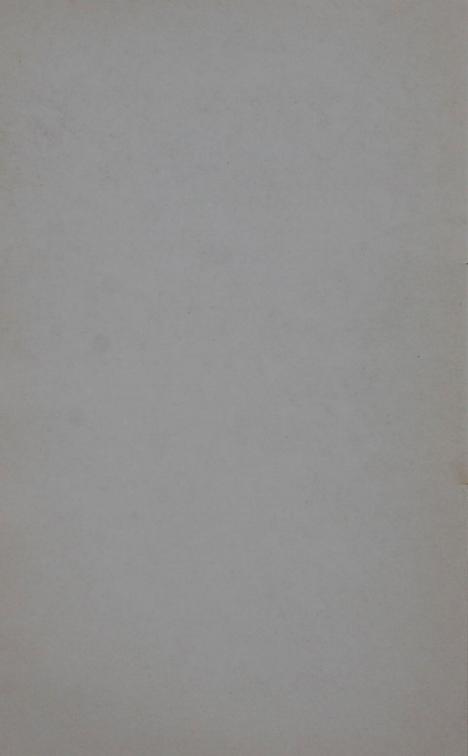
Prende-se o olhar ao ceu, vendo brilhar sua luz sem egual; agora vejo que foi teu vulto, para me enlevar, a aurora boreal do meu desejo.

E como os olhos cegam sobre o abysmo da noite, que nenhuma luz revela, eu estou cego, assim, desde que scismo que tua face jamais poderei vel-a.

A chamma me consuma e me eguale á cinza escura que não tem conforto. Meu coração na labareda estale com o meu sonho anniquilado e morto!

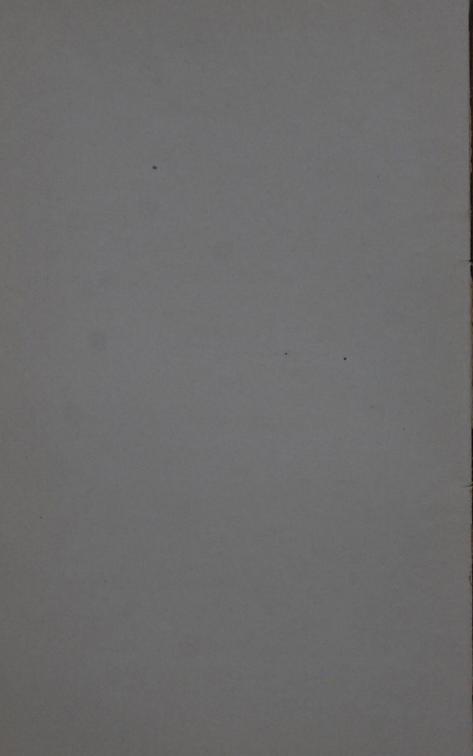






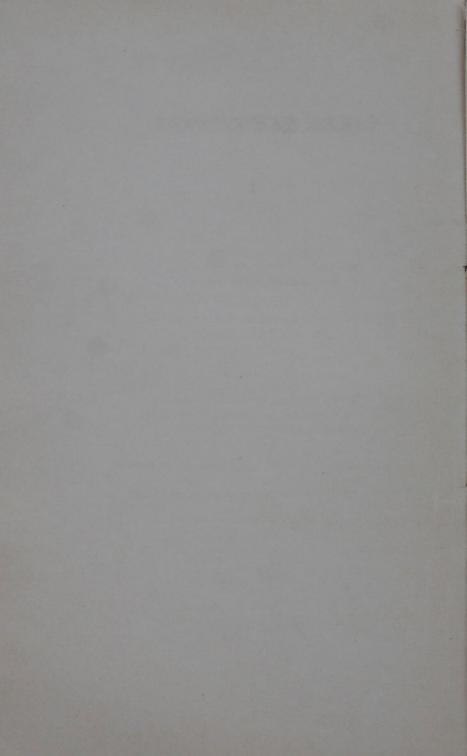
IV

. Redempção



«—Porque o Senhor é cheio de misericordia, e n'elle se encontra uma copiosa redempção. E elle mesmo ha de remir a Israel de todas as suas iniquidades.—»

Psalmos





I

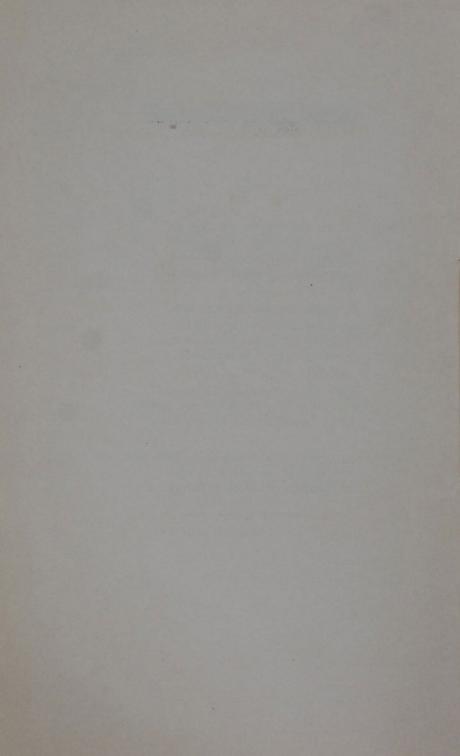
Era um enorme tumulo a floresta, de cupula tão larga e tão sombria, que n'ella o rumor todo se perdia da geração humana tão funesta...

Tumulo real onde celebram festa de extincção e destruição bravia, as feras-vermes, de que mal se ouvia o resfolgar da prolongada sesta...

Todo o passado heroico esqueceu já, e a morte, que ao mendigo o rei irmana, velando a face á vélha India está...

Sobre ella, o ceu, que o nosso olhar profana, recolhe a nobre e immacula Sytá, mãe dos moços heroes do Ramayana.







II

Andava esparsa a nevoa matutina, como espuma de ideaes roupagens d'alguma azul e fugitiva ondina, na musselina verde das ramagens.

Morriam as estrellas brandamente; e os pyrilampos, pallidos como ellas, cortavam pela nevoa, lentamente, como se fossem minimas estrellas.

Dormente, no ar, a lua, como um berço ou penna arqueada e fina de gaivota, n'um pallido minguante á luz adverso, pairava alto e longe, quasi ignota... Hora de paz extactica e divina, sem um murmurio só, sem um perfume; empallidece a noite peregrina sem revelar o minimo queixume.

A estrada de Varuna, núa e branca como de espumea gaza veneziana, mal se desvenda ainda, mal espanca, com seu alvor primeiro, a terra indiana.

Hão de acordar d'aqui a pouco as aves; mas entretanto os ninhos são dormentes. Arvoredos extaticos e graves, como fakirs divinos, indolentes,

cobrem da poeira fina das estradas a verdura das faces e dos membros, que, em suas curvaturas engelhadas, attestam longos, seculares dezembros... Nada como este alvorescer revela a imaginação parada, exausta, que como uma sentença os labios gela, sob o presagio d'uma estrella infausta...

A fé creadora do ideal supremo que alevantou os corações aryanos, roçou pelo infinito; mas o extremo d'esse esplendor, passou ha muitos annos...

O tempo embrandeceu a ardente chamma, e o fogo do lar paralysou. Em balde! Em balde a vossa alma clama, se a inevitavel hora já soou.

Em vão alevantaes nas mãos ungidas o antigo ideal, esse cadaver frio. Jamais! Jamais as aguas submettidas pelo oceano voltarão ao rio. Espectro vivo e hoje inconcebivel, mas immutavel, são, galvanisado; cadaver deificado e incorruptivel pelo altivo genio do passado,

nas espiraes do magnetico fumo das sacrificações, dos desconsolos, crystalisou na crença antiga, como os mares crystalisaram junto aos polos.

Nem a mente de Budha ensimesmada na aniquilação material traduz a aspiração illimitada do coração humano universal,

nem a trindade brahmica, indecisa de Chrisna, o pae dos homens e do dia, patenteia, completa ou syntethisa a fonte da verdade e da harmonia. Derrubam-se os altares e as crenças morrem, como uma luz que mau sopro apagou: os olhos fitam os astros que percorrem o ceu, e a alma não se consolou...

Sobre as ruinas templos reedifica, e á terra lança uma semente nova que germina, floresce e fructifica, e que resistirá do fogo á prova...

Alma sedenta de immortal amor, minima sób a vastidão dos ceus, a humanidade,—genial esculptor apprehende a luz e a treva e forma Deus.

Onda sobre onda, oceano de ideias, vae subindo e luctando sem parar; e assim é que, sobre montões de areias, derruba e volta emfim a edificar. Sobre uma concepção outra levanta; e, ó alma insatisfeita! não descança talhando, emquanto lucta e chora e canta, p'rá geração futura a mesma herança!

Desvenda-se um horisonte, e a sua ancia não se limita a abrangel-o todo: arroja os sonhos tanto além, de modo que, só se mostra firme na inconstancia...

Absorve a luz e, ainda insatisfeita, logo se arroja a analysar o ceu; como creança que se enleva á espreita da chamma do fogão que se accendeu...

Conhece em si, já, — pela Razão fria que assimilou da Sciencia—e seus dilemas, mil reconditas forças, e ainda espia meio de esclarecer novos problemas... (Já não é a sciencia um labyrinto, mas sim a força maxima e dilecta que dirige a razão e doma o instinto, n'uma interminavel linha recta.)

E ainda assim na sua pompa e nome de soberana e dominadora, é infantil, na ancia que a consome, ante este alvorescer que o sol devora.

'Traz o futuro, o messianico enlevo de ha vinte sec'los, caminhamos hoje; deixando tristes passos em relevo, das horas mortas, do viver que foge...



Scismava eu assim, emquanto ao longe, e sob o mesmo reaccender extactico do dia, o Poeta moço, a quem do amor a dôr só coube, montanha, adusta como um calvario, subia... Corôavam-se de sol, ao longe, os Hymalaias, —regio diadema sobre o seu manto d'arminho: o Ganges, procurando oceanicas praias, á sua vista corre ondulado e mansinho.

O trilho é ingreme e domina-o o cansaço: parece que o afoga o espadanar da luz. Repousa; e, perto, vê, ao indagar o espaço, sobre espinheiro agreste, os braços d'uma cruz.





III

Olhar vago, e vago o coração atormentado, o Poeta mais uma vez recorda a myragem das suas illusões abatidas, como o antigo imaginario Imperio...

Meu roseiral desfeito e vulto aereo das brancas illusões do meu passado! Como se transformou em cemiterio meu coração por vós tão festejado!

Ruiu todo o esplendor do alto imperio que pelo Amor eu tinha conquistado: hoje recolho ao tragico eremiterio onde o rumor da vida é limitado. Senti da morte o perpassar ligeiro, e não me aterra tanto como a vida a sua frigidez preconcebida.

E' um sopro que varre o nevoeiro, e dom que o cahos da noss'alma aplana, e extincção amorpha do Nirvana.





IV

.. Mas no auge do soffrimento, a alma amorosa e cavalheiresca, levanta-se para o Ceu, n'uma inspiração viva de poderosa fé, que da cruz humilde da montanha, se estende vivificadora sobre os corações escravos e o chão paradisiaco da India lendaria. Ajoelhando, o poeta reza:—

Filho de Deus e Deus tambem tiveste amor, tiveste mãe a acompanhar-te sob a cruz; e até depois que a morte veio, tu repousaste junto ao seio da que te dera o ser— Jesus! Filho da terra, em terra estranha, olho do alto da montanha onde subi pela paixão,

e não encontro um peito amigo que estile um pranto, que dê abrigo ao meu ferido coração.

O ceu, a abrir-se como um cravo, mostra o esplendor do alvorescer; sob o infinito, o mundo escravo, dorme, sonhando, e eu vou morrer...



Alma terrena, a morte chega; não sejas cega escuta e crê: na mais escura e funda pena, não ha mais luz que a luz da Fé. Doce repouso em que descança o nosso pranto, o nosso mal, é a Esperança, —divino e santo abrigo certo e natural.

Purificante fogo sagrado da alma em penas, é só Amor: até a chaga mais lancinante, de maior dôr, todas as trevas e cerração, todo o peccado, n'elle se apaga, ó coração!

Já me consolo do meu tormento; meu pensamento embrandeceu. O bem que esmolo, já o vejo escripto pelo infinito, á luz do ceu.

Já vejo extincto o meu orgulho; mais livre sinto meu coração. Branca de neve, n'esta alvorada em que mergulho, minha paixão torna-se leve, purificada...

> 10000 + 0



V

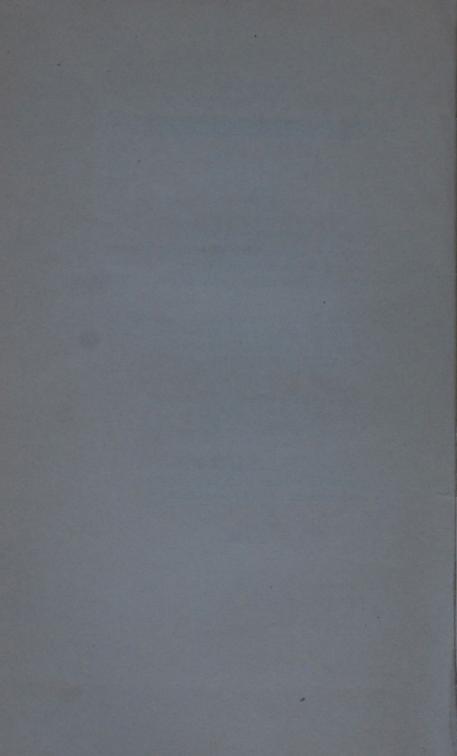
Quando esta alvorada se dissipa pelo horisonte, aonde o sol rompeu, ensanguentado como uma tulipa que vem florir todo o jardim do ceu;

e a sequiosa terra participa d'esse clarão que a transbordar a encheu, na pallidez que a morte esteriotypa, o coração do poeta adormeceu.

O sol da India doira-o todo: morto, parece que sorri á nova gala dos mil perfumes que a floresta exhala...

Emquanto gemebundo e sem conforto, como um expulso rei, o Ganges, passa, á luz do ceu cheio da nova Graça.

FIM



ERRATAS

Pag. 29- armada- amada

« 46- trago-o- trago-a

a 69- erguemes- erguemos

« 76- truduz- traduz

« 79- ambiante - ambiente

« 84— iá— já

« 113- é só Amor- é só o Amor



